



Encontra de Culturas – Interculturalidades: alegria, rita e encantamento

Vanessa Rocha*

O Encontro de Culturas – Interculturalidades é um projeto desenvolvido na Universidade Federal Fluminense que nasceu da inquietação e do desejo de expor e refletir um conceito tão em voga na atualidade. Acreditamos que pensar em cultura hoje é pensar em interculturalidades, tendo em vista as hibridizações e o intenso intercâmbio de idéias e modos de vida, conseqüências, em maior ou menor escala, dos fenômenos da mundialização e da comunicação em rede.

A primeira edição do projeto aconteceu em abril de 2002. Naquela época, chamou-se Semana de Cultura Contemporânea, nome defendido por seu curador, o artista Edson Barrus, que o definiu como um laboratório de brasilidades. Foram realizadas apresentações de música, dança e teatro, exposições de artes visuais, debates e mostra de cinema nos espaços formais do Centro de Artes UFF (teatro, galeria e cinema), além de criado o Espaço Jardim, espaço informal composto pelos jardins da Reitoria da UFF e que veio a se tornar o espaço de maior visibilidade, experimentação e interação dos participantes do projeto. Nesta edição participaram os músicos Hermeto Pascoal, Lobão e Arnaldo Antunes, o grupo Uakti, os cineastas Mário Diamante e Laís Bodanzky, a psicanalista Suely Rolnik, a Cia. Folclórica do Rio de Janeiro, a cirandeira Lia de Itamaracá, o grupo Hapax e os artistas visuais Ricardo Basbaum, Márcia X., Ana das Carrancas, Jarbas Lopes, entre outros.

Em 2004, a segunda edição, já intitulada Encontro de Culturas, prolongou-se por duas semanas e trouxe à tona discussões mais profundas sobre cultura, provando, assim, o amadurecimento da idéia inicial do projeto. A mudança do nome, inclusive, espelha esse momento.

Resumo

O texto apresenta a história do Projeto *Interculturalidades*, realizado pela Universidade Federal Fluminense, desde 2001, além de expor as questões fundamentais que o mobilizaram em sua origem e o mobilizam atualmente, através da discussão dos conceitos de cultura e interculturalidade e de sua principal motivação: o encontro.
Palavras-chave: arte, cultura, interculturalidade

Percebemos, em 2004, que o que o projeto promoveu foi um verdadeiro encontro de diferentes culturas. Estiveram presentes o filósofo Leonardo Boff, o filósofo chileno Humberto Maturana, o professor e pensador de políticas culturais Teixeira Coelho, Sérgio Mamberti, atual secretário da Identidade e da Diversidade do Ministério da Cultura, os grupos Farofa Carioca, Trio Nordestino e, Carlos Malta e Pife Muderno, os músicos Yamandú Costa, Sá, Rodrix e Guarabyra, Jorge Mautner, Jards Macalé, Bezerra da Silva e César Nascimento – que também compôs a música do evento –, além de 50 artistas populares do nordeste e do Rio de Janeiro. Contamos também com a Mostra de Cinema *Deslocamentos*, com o grupo de teatro Nós do Morro, com a exposição

* Produtora cultural pela Universidade Federal Fluminense. Co-idealizadora do projeto *Interculturalidades*.

Mafuá: a Poética da Miscigenação, e, ainda, dois espetáculos concebidos especialmente para o evento, o *Medievo-Nordeste*, do Grupo de Música Antiga da UFF, e *Branco*, dança-instalação de Alexandre Franco. Estas atividades estão documentadas em uma publicação lançada em dezembro de 2004 pela EdUFF e pelo Centro de Artes UFF, intitulada *Interculturalidades*, que ainda conta com as conferências transcritas e artigos de onze pesquisadores da Universidade sobre questões que perpassam o conceito de interculturalidade.

Analisando os resultados das duas edições, uma necessidade veio à tona: a de renovação da proposta. A questão motivadora sempre nos pareceu essencial, porém percebemos a necessidade de abordá-la de forma mais abrangente e desafiadora. Até então o projeto havia trabalhado somente com expressões brasileiras, discutindo a interculturalidade no Brasil, pensando, assim, como as redes de comunicação e os processos de mundialização transformavam a realidade do país ou as diversas realidades brasileiras, e de que forma as culturas tradicionais se inseriam nesse contexto. Era este o campo de ação e reflexão do projeto. Mas, ao se pensar a terceira edição, idealizamos uma discussão no âmbito latino-americano, visto que essa não é uma problemática exclusivamente brasileira. Ampliou-se a discussão, permitindo que outras vozes, as vozes vizinhas, pudessem também falar.

É desta forma que, neste ano, o projeto faz parte do Programa *Interlatínidades* (UFF), que tem como objetivo fomentar redes de cooperação e solidariedade entre os países latino-americanos. O Programa *Interlatínidades* é um pai que nasceu filho do *Interculturalidades*.

Com a perspectiva de expansão da discussão, nos perguntamos por que não envolver diferentes campos do saber de toda a Universidade. Assim, criou-se o Programa, por ânimo de seu entusiasta, Professor Luiz Antônio Botelho Andrade, atual pró-reitor de extensão da UFF, e com o apoio do Professor Leonardo Guelman, co-idealizador do *Interculturalidades* e diretor do Centro de Artes UFF.

No âmbito de um Programa, *Interculturalidades* insere-se como um evento integrante. O 3º Encontro de Culturas vem, desta forma, trabalhar a América Latina como território de flu-

xos e trocas culturais, tendo como meta a difusão da produção cultural da região e o estabelecimento de ações cooperativas em cultura que facilitem esse intercâmbio cultural. Acreditamos que a cooperação cultural se apresenta como o mais valioso trunfo para os países latino-americanos. Atualmente, ouvimos sobre uma possível integração na região. Contudo, uma integração em que se deva levar em conta as relações políticas e econômicas ainda é uma questão a ser muito debatida, para que não nos aproximemos daquilo que é alvo maior de nossas críticas: o imperialismo norte-americano. Podemos dizer que é até um pouco perigoso se falar em integração, levando-se em conta os interesses e jogos políticos envolvidos. Por isso, falamos em cooperação, e cultural, para que fique clara a intenção do *Interculturalidades*, visto que seria muito problemático falar em integração cultural, pois poderíamos apontar para a questão da dominação. Na cooperação esse problema se dissolve e o que fica são países que se reconhecem em um território comum, pois vivem os mesmos problemas no âmbito da indústria cultural (produção e, especialmente, difusão dessa produção, uma vez que há pouco espaço para o surgimento e a manutenção de produções singulares) e possuem manifestações culturais riquíssimas que, aos poucos, vão sendo engolidas pela massacrante e massificante produção das grandes indústrias do entretenimento.

Diante desse quadro complexo que envolve o pensamento sobre a contemporaneidade e seus processos de produção de subjetividade, é possível perceber que este projeto não se sustenta sem uma boa pesquisa e fundamentação. Como dissemos, o *Interculturalidades* nasceu de uma inquietação diante do conceito, e algumas questões são essenciais para entendê-lo, começando pelo entendimento do conceito cultura.

O conceito de cultura é praticamente inexistente, uma vez que há muitas definições dadas pelos diferentes campos do saber. É necessária, atualmente, diante desse quadro, uma resignificação, um novo entendimento do que é cultura (Rocha, p. 77, 2004). Alguns autores fizeram esta reflexão de forma muito profunda. Félix Guattari (1986) chega a defender o traço reacionário do conceito de cultura:

Cultura é uma maneira de separar atividades semióticas (atividades de orientação no mundo

social e cósmico) em esferas às quais os homens são remetidos. Tais atividades, assim isoladas, são padronizadas, instituídas potencialmente ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização dominante, ou seja, simplesmente cortadas de suas realidades políticas (p.15).

Esta é uma afirmação que invalida o uso da palavra cultura, mas sua grande contribuição está em ir de encontro a uma definição que dominou por muito tempo os estudos culturais desde o surgimento da palavra no final do século XIX: a de que a cultura seria um conjunto de tradições, costumes, crenças, artes etc. (Tylor apud Laraia, 1999). Definição esta que exclui a dinamicidade inerente às relações criadoras dos seres humanos, muito difundida pelos evolucionistas.

Refletindo, então, sobre a contemporaneidade, e como parte dela, podemos esboçar alguns pontos que comporiam a cultura além dos elencados por Tylor: a linguagem, dinâmica por excelência, e as inovações e transformações, movimento que nos mantém vivos. Segundo Humberto Maturana (2001), a linguagem configura o mundo e, se a cultura configura o mundo, cultura e linguagem são análogas. Nesse contexto, cultura é dinamicidade em estado puro e, portanto, algo que não se pega e muito menos se delimita como um conjunto estático de elementos. E se não pode ser um conjunto bem disposto de elementos é porque está em constante transformação.

Na perspectiva de um mundo “conectado” e, portanto, em intenso movimento de trocas culturais, cultura é interculturalidade. Entender este conceito é, então, o segundo passo para o entendimento da proposta de nosso projeto.

Para Nestor Garcia Canclini (2003), as interculturalidades nascem de diferentes movimentos de contato entre os povos, incluindo-se aí as migrações e as transculturações. São, inclusive, mas não somente, mobilizadas pela globalização e, assim, geradoras de conflitos violentos, uma vez que a instituição “globalização” refere-se quase sempre aos problemas “globais” que a humanidade vem enfrentando.

Mas o conceito também apresenta a mesma dificuldade que o conceito de cultura. Pensar em interculturalidade é pensar ainda pela lógica da cultura e não pela lógica das atividades semióticas de Guattari. Porém, estamos falando de algo

essencialmente concreto: um projeto cultural que tem um tempo para acontecer, um público a atingir, ainda que universal, e objetivos a cumprir. Manter este nome é manter sua concretude, quando ainda não se tem um nome que dê conta de todas essas questões e que se faça inteligível em larga escala. Talvez pudéssemos falar de interlinguagem ou intersemiotidades, mas esses seriam nomes pouco compreensíveis. E como a proposta do projeto é refletir as interculturalidades, quem sabe não é seu destino se renomear e se recodificar?

Assim, quando falamos em interculturalidades, não excluimos a visão de Canclini: ela é um fio condutor de uma crítica da cultura que buscamos realizar no projeto. Mas, ao nomearmos o projeto desta forma, queremos chamar a atenção para o diálogo entre as diferenças, para aquilo que existe de “inter” espontaneamente nas culturas, o que as torna sincréticas ou singulares, porém abertas ao encontro. É intenção marcar, assim, a diferença em oposição à diversidade, pois essa é a diferença apropriada e domesticada pelo sistema sócioeconômico e político atual, que Guattari nomeia como CMI (Capitalismo Mundial Integrado), “sistema dominante onde o indivíduo é serializado e massificado, e consumidor de uma subjetividade padronizada” (Guattari, 1986, p.33). Esta subjetividade do CMI é manufaturada e, como uma produção industrial atual, se dá em escala internacional. Sobre a tensão diversidade e diferença, afirma Canclini (2003, p.115) que

a diferença não se manifesta como compartimentalização de culturas isoladas (isso seria a diversidade), e sim como interlocução com aqueles com que estamos em conflitos ou buscamos aliança.

Neste caso, a convivência seria não dissolver as diferenças, mas torná-las combináveis. Visualizamos que, no sistema dominante atual, não há muito espaço para a diferença e sim para o diverso. Com o projeto tentamos subverter essa ordem. Ou pelo menos é o que tentamos realizar desde a primeira edição.

Afirmando, então, o encontro é que o *Interculturalidades* se diferencia. E falar em encontro é falar em alegria, rito e encantamento. Alegria, porque esta só nasce do encontro, uma alegria que aumenta a potência de agir e a força de existir, o que Spinoza, em sua *Ética*, chama de paixão ale-

gre. O encontro que desperta alegria é, assim, um momento de conexão profunda com o outro.

É também rito porque estes nasceram de ações coletivas de adoração, agradecimento e celebração da vida e seus movimentos. Desde o aparecimento do *homo sapiens* o rito tem importância fundamental nas sociedades, porque consagra o espaço e o tempo. Para Mircea Eliade (1992), o rito é o momento em que se relembra a criação do mundo, o que o torna essencial. No ritual criamos o nosso mundo, a nossa realidade, os tornando sagrados. Embora o rito faça parte de todas as comunidades humanas, na realidade globalizada e massificada de hoje, o rito vive em segundo plano. O autor lamenta, assim, que nada mais pode ser sagrado nesta situação, o que é causa e consequência de muitos problemas da humanidade. Recuperar o rito é então recuperar muitos aspectos da nossa espécie um pouco sufocados pelas “exigências” do mundo contemporâneo, entre eles, o sentimento de pertencimento, que não necessariamente se relaciona a um único local fixo, e ao encontro. Embora estejamos “conectados”, vivemos muito mais isolados. O encontro ritualístico é um momento de reconhecer-se no mundo e no outro.

Por fim, promover encontros é promover encantamento. Diante também desta situação de isolamento e de “falta de tempo”, pouco espaço temos para nos encantar com a vida. Ela nos parece muito chata, em uma realidade tecnocrática e produtora de excessos. São tantas as “opções” que as relações se dão de forma superficial e o consumo de forma exagerada; consumimos e experimentamos ilusões (Braudrillard, 2001), vendidas pelas grandes marcas e pela indústria do entretenimento. No encontro é então possível acordar nossa capacidade de encantar-se. Quando o outro, o diferente, nos mostra sua visão do mundo e da vida, nos encantamos com as

inúmeras possibilidades de vivenciar a realidade. No caso específico do projeto, o encontro se dá quase que exclusivamente pela arte. E nada mais forte que a arte para nos mostrar uma “nova realidade”. Em uma crítica à impossibilidade da arte “morder o próprio rabo”, ser somente “arte pela arte”, Nietzsche (1889) nos diz: “a arte é o grande estimulante da vida”. Uma arte que surja do encontro e um encontro que surja da arte é então puro encantamento.

Assim, no *Interculturalidades*, arte, encontro, rito, alegria, encantamento não se dissociam. Estão imbricados um no outro, na incessante busca de outras possibilidades de existência e de uma produção cultural que não reproduza o mais do mesmo da indústria, mas que saiba utilizar elementos dela a seu favor.

Com o *Interculturalidades* “interlatino”, em 2005, este encontro se dará em escala continental. Este neologismo quer dar conta daquilo que nos aproxima como latino-americanos. Apesar da classificação “latino” ser européia, o latino da América inclui o índio e o negro. Em nossa proposta de encontro, buscamos, voltamos a dizer, promover o diálogo entre as mais diferentes culturas dos países da região e, assim, promover a difusão de nossas manifestações culturais, tão pouco conhecidas em decorrência de um “eurocentrismo e norte-americanismo intelectual e cultural”. Promover esse encontro de povos da América Latina é despertar para a alegria de nos sentirmos parte de um lugar comum (com uma história próxima e com culturas, embora diferentes, produtoras de uma complexa cosmologia), para os ritos e visões de mundo dos verdadeiros povos desta terra e para o encantamento de uma arte tão ou mais rica que a que somos ensinados a gostar.

Já nos diz o sábio poeta Vinícius de Moraes, e poetas devem ser ouvidos com atenção: “a vida é a arte do encontro, embora haja muitos desencontros pela vida”.

Referências bibliográficas

- Baudrillard, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- Canclini, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- Eliade, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Guattari, Félix e Rolnik, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Laraia, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- Maturana, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- Nietzsche. *Crepúsculo dos ídolos*. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.
- Rocha, Vanessa. "Cultura: uma ecologia humana. Perspectivas para o diálogo intercultural". In: Guelman, Leonardo, e Rocha, Vanessa (org.). *Interculturalidades*. Niterói: EdUFF, 2004.
- Spinoza. *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Abstract

The text exposes *Interculturalidades* project's history, realized since 2001 by *Universidade Federal Fluminense*. We intend to present the history of the project as the main questions that originated it and move it nowadays. In this last case, the text focuses a theoretical discussion concerning the concepts of *culture*, *interculturality* and, principally, its core motivation: the *meeting*.

